

# IMPRESSÕES LITERÁRIAS: a construção artística do local e sua presença no imaginário da Serra da Bodoquena

Quézia Stefani Fagundes Sena\*  
Marta Francisco de Oliveira\*\*

**Resumo:** Nesta reflexão procuro representar a (re)construção artística e as impressões literárias, provindas das memórias de minha infância na Serra da Bodoquena, que são conformadas como recordações e (re)encontros pessoais, de um biospessoal, também como pesquisadora. A representação dessas memórias que serão invocadas no intuito de ouvir as vozes oriundas de um espaço que poderia ser considerado periférico, deslocado, ao qual são atribuídas determinadas características e/ou estereótipos, bem como, aos grupos que ali se encontram e, que de modo geral, não despontam como produtores culturais ou intelectuais na cena regional ou nacional. De fato, situada em uma fronteira urbana/região pantaneira, nossa compreensão do território da Serra da Bodoquena e do próprio estado de Mato Grosso do Sul é perpassada por vários aspectos que privilegiam o geográfico e natural, mas também o imaginário cultural presente nas narrativas locais configuradas como uma memória cultural construída coletivamente, preservada e repassada entre grupos e gerações, em movimento constante, o que pode gerar significativas alterações, e na qual, vozes se pluralizam, permitindo a inserção de autores múltiplos e variados, entre eles, destaco Bhabha (1998), Mignolo (2000), Santos e Meneses (2010), Nolasco (2015) e Bessa-Oliveira (2018).

**Palavras-chave:** Memórias; Narrativas locais e Produtores culturais.

\* Mestranda em Estudos de Linguagens pela UFMS, campus Campo Grande-MS. E-mail: quezia.eng.prod@gmail.com.

\*\* Professora Dra. em Letras-Estudos Literários; PNPd- PPGEL/FAALC/UFMS, orientadora. E-mail: marta.oliveira@ufms.br.

## **LITERARY IMPRESSIONS: the artistic construction of the place and its presence in the imagination for Serra da Bodoquena**

**Abstract:** In this reflection I try to represent the artistic (re) construction and literary impressions, derived from the memories of my childhood in Serra da Bodoquena, which are shaped as memories and (re) personal encounters, of a biosperson, also as a researcher. The representation of these memories that will be invoked in order to hear the voices coming from a space that could be considered peripheral, displaced, to which certain characteristics and / or stereotypes are attributed, as well as to the groups that are there and that, in general, do not emerge as cultural or intellectual producers on the regional or national scene. In fact, situated in an urban border / Pantanal region, our understanding of the Serra da Bodoquena territory and the state of Mato Grosso do Sul itself is permeated by several aspects that privilege the geographic and natural, but also the cultural imagery present in the local narratives configured as a cultural memory built collectively, preserved and passed on between groups and generations, in constant movement, which can generate significant changes, and in which voices are pluralized, allowing the insertion of multiple and varied authors, among them, I highlight Bhabha (1998), Mignolo (2000), Santos and Meneses (2010), Nolasco (2015) and Bessa-Oliveira (2018).

**Keywords:** Memories; Local narratives and cultural producers.

### **Considerações Iniciais**

Direciono este estudo para um aprofundamento na questão do pensamento crítico de fronteira. Neste aspecto a questão inicial que abordaremos se estrutura no processo de descolonizar a fronteira Sul, para isto me aproprio dos estudos de Santos e Meneses (2010), que nos esclarecem a respeito da Epistemologia do Sul.

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o

mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte) (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12).

Ao vivenciarmos a “epistemologia do sul” somos impactados por sua luta de resistência para além dos limites da fronteira, desafios epistêmicos “causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12), dentre as grandes injustiças impostas pela colonialidade/modernidade as habitantes da fronteira sul à exploração de recursos, bens, pessoas até os dias atuais, se mostra como uma “ferida aberta que sangra sem parar” (NOLASCO, 2017, p. 53). Assim, no espaço de fronteira do Mato Grosso do Sul também se percebe essa “ferida aberta”.

Permanecer nesta fronteira me faz compreender que a experiência de contato” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 453) com o corpo do outro, o qual muitas vezes se torna nosso próprio corpo, precisa ser compreendida como uma experiência de limites. Minha vivência próxima aos corpos pantaneiros acabou por inserir está “experivivência” (BESSA-OLIVEIRA, 2018) em minha essência de maneira irreversível, para dialogar com os estudos das Epistemologias do Sul. Compreendo que é impossível trabalhar as teorizações pós-coloniais sem levar em conta a epistemologia que a própria condição fronteiriça propõe.

Pretendo sinalizar a desobediência epistêmica deste corpo pantaneiro no decorrer do estudo, pois, discutir as implicações epistemológicas do pensamento crítico de fronteira nos submete a destacar a passagem do estado descolonial para a descolonização do conceito de “capitalismo global” (SANTOS; MENESES, 2010, p.

406), tal como tem sido mencionado nos paradigmas da economia política e dos estudos culturais.

A perspectiva epistêmica que nos propomos considerar leva em conta formas outras de conhecimento, de saberes. Neste respeito, quando pensamos na fronteira sul e nos corpos pantaneiros, estamos considerando que nestes espaços, geográficos e simbólicos, o conhecimento é produzido, repassado e deve ser preservado e valorizado, conforme o que é delineado pelo crítico citado a seguir:

O pensamento de fronteira, uma das perspectivas epistêmicas que serão discutidas neste artigo, é, precisamente, uma resposta crítica aos fundamentalismos, sejam eles hegemônicos ou marginais. O que todos os fundamentalismos têm em comum (incluindo o eurocêntrico) é a premissa de que existe apenas uma única tradição epistêmica a partir da qual pode alcançarse a Verdade e a Universalidade. No entanto, há três aspectos importantes que têm de ser aqui referidos: 1) uma perspectiva epistêmica descolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental (incluindo o cânone ocidental de esquerda); 2) uma perspectiva descolonial verdadeiramente universal não pode basear-se num universal abstracto (um particular que ascende a desenho – ou desígnio – universal global), antes teria de ser o resultado de um diálogo crítico entre diversos projectos críticos políticos/éticos/epistêmicos, apontados a um mundo pluriversal e não a um mundo universal; 3) a descolonização do conhecimento exigiria levar a sério a perspectiva/cosmologias/visões de pensadores críticos do Sul Global, que pensam com e a partir de corpos e lugares étnico-raciais/sexuais subalternizados (SANTOS; MENESES, 2010, p. 406).

Aqui, o destaque é para a proposta de diálogo crítico desencadeados pós e entre projetos também críticos, considerando uma visão pluriversal, o que demonstra a inclinação para a rejeição de quaisquer formas de hierarquizações.

É importante abordarmos um diálogo intercultural e pluriversal Norte-Sul, pois não se pode vivenciar o processo de descolonização das relações de poder no mundo moderno sem essa abordagem, neste contexto é possível denominar esse momento como “transmodernidade” (DUSSEL, 2001). Na interpretação que Walter Mignolo faz de Dussel, a transmodernidade seria equivalente à “diversalidade enquanto projecto universal”, que é o resultado do “pensamento crítico de fronteira” enquanto intervenção epistêmica dos diversos subalternos (MIGNOLO, 2000).

Ao adotarmos um “pensamento de fronteira” (MIGNOLO, 2000) a opção descolonial nos conecta outra vez com o que a colonização desconectou os movimentos sociais e as possibilidades de ir além dos limites epistêmicos da fronteira, de maneira que estes movimentos precisam ser fortalecidos, de maneira a nos fazer compreender que a “interculturalidade, em sentido amplo, afirma que duas lógicas também podem dialogar em vista do bem comum” (MIGNOLO, 2005, p. 117). Por isso, devemos trilhar e expandir os limites fronteiriços que norteiam nossos estudos a respeito dos paradigmas epistemológicos. Visando compartilhar uma “experivivência” (BESSA-OLIVEIRA, 2018) que ultrapasse a fronteira como, “um dispositivo de memória que acha na alteridade do espaço praticado o nexos vital de uma estética de um nós-eu descolonizado” (MANCILLA, 2019, p. 97).

Através das considerações apresentadas podemos pensar a(s) fronteira/as simbólicas que demarcam os nossos saberes e os conhecimentos reconhecidos como tal, bem como as fontes autorizadas de sua produção e disseminação.

## **Os Limites da Fronteira Pantaneira**

Experiência e memória são inseparáveis. Escrever é sondar e reunir ciscos ou farpas de experiência e memória para montar uma imagem determinada, do mesmo modo como com pedacinhos de fios de diferentes cores, combinados com paciência, é possível bordar um desenho sobre um tecido branco. (SAER, 1984, p. 17)

A representação das experiências e memórias nos possibilitam adentrar (simbolicamente) as fronteiras do local cultural, no imaginário da Serra da Bodoquena, nos possibilitando (re)conhecer sua cultura, seu povo, seus costumes e crenças, bem como, suas comidas e atividades artísticas. Sabemos que “a experiência propriamente dita é desprovida de forma precisa, e que somente a partir do trabalho da escrita, e de sua presunção de certeza e, mais ainda, de um sentido que possa ser articulado em palavras”(GARRAMUÑO, 2012, p. 100), conseguimos revalidar a importância das impressões literárias na representação dos “locais de cultura de um “povo”(BHABHA, 1998, p. 69), nesta perspectiva daremos sequência em nosso estudo.

## **História oral e as vozes subalternas**

A história oral pode ser compreendida e até mesmo representada pelo sentimento de identidade que possuem uma estreita ligação, uma vez que ambos são construídos social e individualmente. Está representação da identidade local tende a expressar a imagem que a pessoa faz de si, superficialmente falando, nas palavras de Pollak,

é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da

maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

De acordo com a abordagem de Pollak, almejo uma revisitação ao passado como aporte para a busca daquelas histórias orais recônditas, almejando representá-las e propiciar a oportunidade de serem contadas e registradas. Representar a identidade local, nas palavras de Pollak acontece pela própria representação do outro em nós, de maneira que, se edifica pela/na linguagem, assim como nos menciona Chauí (2000),

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias (CHAUÍ, 2000, p. 3).

Neste momento retomo a representação desta linguagem pantaneira dos habitantes da Serra da Bodoquena, na busca por escrever a partir da “experivivência”(BESSA-OLIVEIRA, 2018) que tive com estes corpos, e com suas vozes entendendo que “só a palavra nos coloca em contato com as coisas mudas.” (AGAMBEN,2016).

Antes de iniciarmos nosso mergulho pelos rios metafóricos que cercam as estórias pantaneiras, precisamos retomar que as histórias orais está intimamente relacionada com as memórias individuais e coletivas, assim como a ficcionalização da história deste povo, podemos ainda compreender que os fragmentos na história são “amplos e se conduzem por mudança lentas ou abruptas, por conservação de ordens sociais, políticas e econômicas e também por reações às transformações”(DELGADO, 2010, p. 8). Mantemos um diálogo com a autora Delgado (2010) a respeito das histórias orais,

A história oral tem possibilitado o registro de inúmeras narrativas, que são importantes construções memoriais, individuais e coletivas. São diferentes sujeitos e testemunhas da história que, estimulados por historiadores e profissionais de áreas afins à história, relatam suas experiências de vida, as quais se convertem em documentos passíveis de crítica e análise. Em outras palavras, narrativas e testemunhos são identificados como registros relevantes – como documentos – que podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente. (DELGADO, 2010, p. 16)

Na esteira deste pensar, vemos que a história oral nos permite vivenciar inúmeras vozes “que muitas vezes registram de formas diferentes e até conflitantes a rememoração de acontecimentos e processos” (DELGADO, 2010, p. 20), mas ainda sim, são fontes orais que, (re)constroem a história, através dos seus relatos de experiências, dos testemunhos e das memórias.

A sensibilidade/responsabilidade de representar as vozes subalternas a partir de uma epistemologia fronteiriças do contexto discursivo com os pantaneiros da Serra da Bodoquena, como troca de conhecimentos com os corpos que “pensa/sente e vive sua própria história” (BESSA-OLIVEIRA, 2018).

Em um diálogo com os autores Nolasco (2015) e Bessa-Oliveira, (2018) percebemos que “o corpo movimenta-se da/na fronteira “lugares” outros corpos/lugares, dando sentidos variáveis a lugares outros que a ele se atribuem” (NOLASCO, 2015, p.27) de maneira a viverem, narrarem e sentirem suas próprias “experivência” (BESSA-OLIVEIRA, 2018).

Nosso pensar a respeito da reconstrução da memória busca resgatar e trazer a (re)existência a presença do passado a partir do presente, no intuito de ouvir as vozes oriundas de um espaço que poderia ser considerado periférico, deslocado, ao qual são atribuídas

determinadas características e/ou estereótipos, bem como aos grupos que ali se encontram e que, de modo geral, não despontam como produtores culturais ou intelectuais na cena regional ou nacional. Ao representar em termos individuais e coletivos e experiência vida e seu significado em “processos de construção de identidades e alteridades, do contraste do eu e do outro, de nós e eles” (POLLAK, 1989, p. 16).

### **(Re)existência da memória nas narrativas locais**

Nesta escrita crítica fronteiriça de cunho regionalista, permaneço com o intuito de representar e repensar as narrativas locais, em especial as narrativas pantaneiras da região de Bodoquena-MS meu lócus, na busca de “escrever” conforme Evaristo (2007) a percepção da sensibilidade do viver, sentir e pensar pela perspectiva descolonial. As narrativas que irei referir serão delimitadas pelo meu espaço biogeoistórico, à tríplice fronteira-Sul, Mato Grosso do Sul, Brasil-Paraguai-Bolívia, espaço que me permitiu inúmeros encontros com as narrativas locais e subalternas, assim como sugere Palermo (2014):

Consideramos pertinente tornar visível uma ação comunitária e sua interpretação concretizada a partir de dentro, como um desdobramento do que - no presente e em um contexto diferente - Rodolfo Kusch praticou e propôs na época. Olhando sob uma dupla perspectiva, epistêmica e política, acreditamos que é possível gerar conhecimento a partir de experiências locais coletivas, orientadas para produzir transformações radicais na vida das sociedades. Ainda acreditamos ser possível que eles possam modificar os modos de vida dos povos através de outras lógicas da organização estatal, com base em interações simétricas e solidárias entre sujeitos há muito submetidos a práticas subalternizantes (PALERMO, 2014, p. 111).

Este estudo descolonial, em suma, busca desaprender para reaprender, que segundo Walter Dignolo (2003), é preciso nos colocar de frente a ferida colonial, nos alocando no centro da produção de conhecimento, dando voz aos sujeitos que lá se situam e que assim como os pantaneiros da região de Bodoquena-MS, tiveram os seus direitos geopolítico e corpo-político (MIGNOLO, 2003) de enunciação epistêmica devastados pelas autoridades coloniais.

Quando penso e repenso no fazer, no viver e no saber local de minha fronteira, partilho da perspectiva que “Teorizar é metaforizar”, de Eneida de Souza, no ato de reforçar a importância de romper as fronteiras entre pelos considerados distintos, “como ficção e teoria, arte e ciência, obra e vida, com vistas a redimensioná-los e repensá-los”(SOUZA, 2016, p. 2017) tal ato, é reforçado em um discurso articulado pela crítica pós-colonial, reconhecendo que a arte da fronteira “passa pelas “sensibilidades locais” (MIGNOLO, 2000) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação” (NOLASCO, 2017, p. 26).

O autor Hugo Achugar, em sua obra Planetas sem boca (2006), aborda que as histórias e memórias locais são mananciais propícios para a produção de conhecimento, de maneira que nos leva a repensar e ocupar o corpo do narrador, principalmente quando habitamos na fronteira do sujeito que as vive, afinal,

O sujeito local pensa, ou produz conhecimento, a partir da sua história local’, ou seja, a partir do modo que ‘le’ ou ‘vive’ a ‘história local’, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está inserido. A “história local”, a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não tem valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de ‘as Américas’(ACHUGAR, 2006, p. 29).

A questão das narrativas e identidades locais é permeada, segundo Achugar, pela discussão entre posição e localização de quem pronuncia o discurso. A memória, a posicionalidade e a localização estariam diretamente ligadas à construção da identidade individual, pois é a partir do lugar de onde se lê e de onde se profere o discurso que constituímos uma identidade.

A reflexão a ser desenvolvida neste texto, será pautada por um “espaço de fronteira”<sup>1</sup>, como Mignolo (2003) o entende, cuja história local não se submete totalmente aos desígnios do poder global assim como a sua sensibilidades epistêmica, do saber e do fazer local, na busca de reforça o valor universal das estórias e memórias locais. Apoiada em minha bios, representarei as estórias e narrativas vivenciadas no interior do estado de Mato Grosso do Sul (Bodoquena/Miranda/Aquidauana), durante a guerra do paraguaio, as quais foram narradas por uma mulher pantaneira, Aglay Trindade Nantes, na obra *Morro Azul: estórias pantaneiras*, 2010, assim como, as estórias que ouço da senhora Maria Rosa, minha avó, uma lavadeira que encontrou na região pantaneira de Bodoquena o sustento da família. Ela ainda se recorda das lembranças de seu pai João Olímpio da Silva, frente à invasão ocorrida na vila de Miranda pelos paraguaios, assim como mencionado na obra de Nantes (2010).

Os descendentes de João Olímpio sentiram a necessidade de recomeçar, mesmo sem saber ao certo por onde, anos depois, viram a possibilidade de habitar com sua família na Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, no município de Miranda MT, que viria se

---

<sup>1</sup> Este é um “terceiro lugar”, um campo de forças em que as contradições são atualizadas, nas quais a luta pela hegemonia se traduz no desenho de fronteiras simbólicas, linguísticas, subjetivas e representativas “ outros ”, altamente diferenciado do cânone ocidental. É um espaço ilusório no qual conhecer o mundo não significa mais sua apropriação, porque todas as regras inventadas para ele caíram no vazio e na ineficácia; é o espaço de “espera” em que o que já não era mais e em que tudo está prestes a ser construído (PALERMO, 2000, p. 25).

tornar, o município de Bodoquena-MS a partir de 1980. Conforme nos demonstra a publicação de um morador da região, Arsênio Martins, que publicou em 1996 um ensaio intitulado Bodoquena – ontem e hoje:

Nossa reflexão esta baseada em dados levantados a respeito da Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, e também através de entrevistas semi-estruturadas com alguns moradores que ainda residem na região onde estava localizada a Colônia, alem de levantamentos de dados em no cartório de 2º ofício e na prefeitura Municipal de Miranda. Porque a colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo nesta época, década 1950, pertencia ao município de Miranda e somente em 1980 é desmembrado deste município se transformando em município independente cujo nome ficou Bodoquena. (MARTINS, 1996, p. 7)

O autor revela que buscar resgatar essas histórias locais que narram os aspectos da formação da localidade tem alguns objetivos, tais como:

Compreender aspectos da dinâmica territorial na região de Bodoquena, Estado de Mato Grosso do Sul, a partir da análise dos sujeitos envolvidos na produção e no desenvolvimento do território na Colônia Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, especialmente, os colonos assentados. Identificar, espacial e temporalmente, sujeitos sociais participantes do processo de criação e (re) produção da Colônia, caracterizar o perfil sócio-econômico dos trabalhadores da Colônia(.) Reconstruir trajetórias de vida, individuais e conjuntas de moradores destas localidades nas suas lutas para entrar e permanecer na terra. Pois eram despossuídos de riquezas e viram nesta região a possibilidade de melhorias de suas vidas (MARTINS, 1996, p. 7).

O desfecho da obra nos sensibiliza e aguça nossos pensamentos crítico- literários a respeito da linguagem e sua composição, pois evi-

denciamos a tentativa de resistência aos obstáculos, às intempéries, ao espaço não tão acolhedor e às situações adversas, assim como a persistência em preservar a memória e uma cultura local.

Portanto, representar essa sensibilidade pantaneira, através do resgate de narrativas locais, tem o intuito de fortificar os pensamentos descoloniais, que permeiam pelas arestas da desobediência epistêmica, solidificando a sua importância cultural e literária, e assim estabelecer, conforme Bhabha, outro local da cultura, “na esfera do além” (1998, p. 19), fora dos lugares legitimados e legitimadores que hierarquizam saberes e culturas, na exterioridade, como nos ensinam Mignolo, Palermo, Quijano e outros.

Antes de concluirmos nosso curso pelos rios metafóricos que cercam as histórias pantaneiras, é de suma importância reafirmamos alguns conceitos a respeito do saber e do fazer cotidiano, das ações descolonizadoras nos espaços legitimadores, bem como, repensar a noção de (re)existência e as possibilidades de (re)escrita e (re)escuta das narrativas locais.

No intuito de narrar à construção artística do local e sua presença no imaginário da Serra da Bodoquena, permitimos que os registros que emanam da cultura/memória local nos direcionem nestes encontros entre a representação literária e a representação pela imagem visual ou mental de seus habitantes, em cujos tecidos outros relatos se associam e transpassam para além das fronteiras pantaneiras.

## **Considerações Finais**

A proposta do autor faz frente à representar a sensibilidade pantaneira, através do resgate de memórias culturais, narrativas orais, obras literárias, tem o intuito de representar, a importância cultural e literária local, e assim estabelecer, conforme Bhabha, outro local da

cultura, “na esfera do além” (1998, p. 19), em outras palavras permitir o “emergir das memórias pelo “ocaso” (twilight)” (HUYSSSEN, 1995, p. 21) fora dos lugares legitimados e legitimadores que hierarquizam saberes e culturas, na exterioridade.

Finalizo brevemente esta expressão literária, que cerca as estórias pantaneiras, com a construção artística do local e sua presença no imaginário da Serra da Bodoquena, que nas palavras de Ricoeur, a respeito das representações e das práticas de rememoração do passado exigem, segundo o autor, o trabalho de memória, instruído pelo próprio conhecimento histórico que já ultrapassa o limiar da escrituralidade, isto é, onde a representação tornar-se representância.

## **Referências Bibliográficas**

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**: ensayo sobre la destrucción de la experiencia. 5. ed. Adriana Hidalgo Editora: Buenos Aires, 2016.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Paisagens Biográficas Pós-Coloniais**: Retratos da Cultura Local Sul-Mato-Grossense. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 135p.

GARRAMUÑO, Florencia; **A Experiencia Opaca**: literatura e desencanto. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. **Twilight Memories; marking Time in a Culture of Amnésia**. N. York: Routledge, 1995.

MANCILLA, Claudio Andrés Barría. Geopoética dos sentidos, a/r/tografia e o patrimoniável em chave descolonial: por uma poética do Sul. **Poiésis**, Niterói, v. 20, n. 34, p. 87-108, jul./dez. 2019.

MARTINS, Arsênio. **Bodoquena - ontem e hoje**. [s.l.]: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul (ANE), 1996.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y opción decolonial**. Trad. de Silvia jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

NANTES, Aglay. **Morro Azul: Estórias Pantaneiras**. 4. ed. Campo Grande-MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

PALERMO, Zulma. El arte latino-americano en la encrucijada descolonial. *In*: PALERMO, Z. (compiladora). **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAER, Juan José. **Cuentos completos (1957-2000)**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

SAER, Juan José. **El arte de narrar**. Buenos Aires: Seix Barral, 2000a.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. "Teorizar é metaforizar". *In*: CECHINEL, Andre (Org.). **O lugar da teoria literária**. 1. ed. Florianópolis: Editora UFSC; Criciúma: EDIUNESC, 2016. p. 217-224.